

padronização estomática, concernente à família. Utilizando-se a metodologia usual em tratamento de anatomia geral e outras técnicas oportunas, obtiveram-se resultados que indicaram que a condição xerófila das Cactaceae se reflete em muitos dos aspectos morfológicos e estruturais dessas plantas. A associação de parâmetros vasculares e organização morfológica, tais como número de feixes vasculares em correspondência ao número de costelas do eixo caulinar, não traduz apenas estratégia do comportamento fisiológico das espécies, mas oferecem, também, subsídios taxonômicos a esse grupo de plantas. A tipificação e densidade estomática é um outro segmento que pode ser adicionado ao parâmetro anterior, quanto ao auxílio à taxonomia e esclarecimento do comportamento fisiológico do grupo. A delimitação entre córtex e cilindro vascular pode ser estabelecida a partir da estrutura secundária do eixo aéreo das plantas jovens, quando uma bainha amilífera foi detectada entre córtex e cilindro central.

TÍTULO: Estudos taxonômicos do gênero *Capparis* L. (Capparaceae Juss.) em Pernambuco - Brasil
AUTORA: Maria Bernadete Costa e Silva
DATA: setembro de 1996
LOCAL: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Margareth Ferreira de Sales (orientadora)
 Enide Eskinazi Leça
 Simon Joseph Mayo
 Maria de Jesus Nogueira Rodal

RESUMO — O trabalho consiste dos estudos taxonômicos do gênero *Capparis* L. no Estado de Pernambuco, Brasil. Foi baseado na análise comparativa de espécimes obtidos em viagens de coleta de 1992 a 1994 e de materiais herborizados. Foram feitos ainda, estudos palinológicos em microscopia óptica e eletrônica de varredura em cinco espécies e contagem cromossômica em quatro espécies. Foram elaboradas chaves de identificação para as espécies, além de descrições, comentários, distribuição geográfica e ilustrações para cada espécie. Constararam-se sete espécies para Pernambuco: *Capparis cynophallophora* L., *C. flexuosa* (L.) L., *C. lineata* Dombey ex Pers., *C. nectarea* Vell., *C. baducca* L., *C. jacobinae* Moric ex Eichler, *C. yco* (Mart.) Eichler. Foram referidas pela primeira vez para Pernambuco: *C. lineata*, *C. nectarea* e *C. baducca*. Foram corrigidos os nomes das autoridades de *C. jacobinae* e *C. yco*. Os grãos de pólen apresentaram diferenças conspícuas entre as espécies e a análise cromossômica revelou números diferentes confirmando as identidades de *C. cynophallophora* e *C. flexuosa*. Apresentaram distribuição exclusiva na zona da mata: *C. lineata*, *C. nectarea* e *C. baducca*; desde a zona da mata e/ou litoral até a caatinga, *C. cynophallophora* e *C. flexuosa* e as espécies *C. jacobinae* e *C. yco* são exclusivas da caatinga.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

TÍTULO: Ontogenia da antera e do rudimento seminal de *Tabebuia pulcherrima* Sandwith (Bignoniaceae)
AUTOR: Nelson Sabino Bittencourt Júnior
DATA: outubro de 1995
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Jorge E. de Araújo Mariath (orientador) - UFRGS
 Paulo Luiz de Oliveira - UFRGS
 Bruno Edgard Irgang - UFRGS
 Alfredo Elío Cocucci - Univ. Nac. de Córdoba, AR

RESUMO — O método de formação da parede do androsporângio é do tipo Dicotiledôneo. A camada parietal primária, a camada esporogênica e o tapete interno derivam-se diretamente do meristema fundamental. O tapete é do tipo secretor e possui origem dual. O dimorfismo tapetal e a precoce diferenciação do tapete interno são interpretados como expressão de um lapso ontogenético entre as duas camadas tapetais. O desenvolvimento do andrófito segue o modo usual em angiospermas. A estrutura reticulada da exina é determinada pela primexina. A exina das membranas aperturais sofre rupturas irregulares, expondo parcialmente o estrato pectinizado. Apenas uma onda de amilogênese/amilólise ocorre na célula vegetativa, durante a maturação do andrófito. A célula generativa não desenvolve amiloplastos, torna-se falciforme, com parede celular fortemente PAS-positiva e associa-se ao núcleo da célula vegetativa, formando a unidade reprodutiva masculina. Os rudimentos seminais são anátropos, unitégmicos e tenuinucelados. Os primórdios de rudimentos seminais apresentam estrutura trizonada. O tegumento deriva-se das camadas dérmica e subdérmica. O desenvolvimento do ginófito é do tipo *Polygonum*. Na porção calazal do aparelho oosférico, as paredes comuns entre as sinérgidas, a oosfera e a célula média, embora muito tênues, estão presentes até a maturidade da unidade reprodutiva feminina.

TÍTULO: O andrófito de *Ilex paraguariensis* St. Hil. (Aquifoliaceae): estrutura e citoquímica do tubo polínico e grão de pólen
AUTOR: Rinaldo Pires dos Santos
DATA: dezembro de 1995
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Jorge E. de Araújo Mariath (orientador) - UFRGS
 Alfredo Gui ferreira - UFRGS
 Paulo Luiz de Oliveira - UFRGS
 Alfredo Elio Cocucci - Univ. Nac. de Córdoba, AR

RESUMO — O andrófito de *Ilex paraguariensis* St. Hil. (Aquifoliaceae) é analisado quanto aos seus aspectos citológicos em estádio maduro e suas transformações ao longo do crescimento do tubo polínico *in vitro* e *in vivo*. Além disso, é detalhada a estrutura e citoquímica da parede do tubo e da esporoderme. O andrófito maduro é bicelular. O núcleo vegetativo e a célula generativa estão intimamente associados e formam a unidade reprodutiva masculina de erva-mate. A célula generativa apresenta poucas mitocôndrias e nenhum plastídio. Vários feixes de microtúbulos estão presentes ao longo do seu eixo longitudinal. O tubo polínico é rico em mitocôndrias alongadas, retículo endoplasmático rugoso e dictiossomas. Alguns proplastídios com estroma denso acompanham o percurso das organelas no tubo polínico. Na zona apical do tubo, dois tipos de vesículas dictiossômicas são produzidas. A parede do tubo é formada por calose e pectinas. O grão de pólen é tricolporoidado e inectado. A exina subdivide-se em uma ectexina compacta (esporopolenina e subst. péclicas). A intina é triestratificada e mais espessa sob os colpos a intina tem função especial na saída inicial do tubo polínico e na saída posterior dos elementos citoplasmáticos durante a vacuolação, sob os mesocolpos.

TÍTULO: Pteridófitas no interior de uma floresta com araucária: Composição florística e estrutura ecológica
AUTORA: Rosana Moreno Senna
DATA: março de 1996
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Jorge Luiz Waechter (orientador) - UFRGS
 Paulo G. Windisch - UNESP

João André Jarenkow - UFPEL
Luís Rios de Moura Baptista - UFRGS

RESUMO — Um estudo florístico e fitossociológico, sobre pteridófitas de sub-bosque, foi desenvolvido numa floresta com araucária localizada em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil. 41 espécies, 26 gêneros e 13 famílias foram registrados no levantamento fitossociológico. As espécies foram classificadas de acordo com tipos de forma biológica e padrões de distribuição geográfica. O estudo fitossociológico foi baseado num total de 30 parcelas de 4 x 4m (480 m²), distribuídas ao longo de seis transectos. Em cada parcela foram registrados dados de estrutura e comportamento para as espécies de pteridófitas. 30 espécies, 20 gêneros e 11 famílias foram registrados no levantamento fitossociológico. Aspleniaceae, Polypodiaceae e Hymenophyllaceae foram as famílias que apresentaram maior riqueza específica, tanto no estudo florístico, como no fitossociológico. O ambiente terrestre mostrou baixa diversidade específica e dominância de poucas espécies. O ambiente epifítico mostrou alta diversidade específica e baixos valores de frequência. Com exceção de caméfitas, registrou-se as principais formas biológicas. Três comunidades de pteridófitas foram relacionadas aos três tipos principais de substratos. Registrou-se espécies basais e de ampla distribuição vertical. 5 espécies são pantropicais e 36 neotropicais.

TÍTULO: O gênero *Vicia* L. (Leguminosae-Faboideae) no Brasil
AUTORA: Nelci Rolim Bastos
DATA: março de 1996
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Sílvia T. S. Miotto (orientadora) - UFRGS
Ilsi Iob Boldrini - UFRGS
Ana Maria G. Azevedo-Tozzi - UNICAMP
Antonio Krapovickas - IBONE, AR

RESUMO — Neste trabalho faz-se um estudo taxonômico das espécies brasileiras de *Vicia*. São reconhecidas sete espécies e duas variedades: *V. pampicola* Burk., *V. linearifolia* Hook. et Arn., *V. tephrosioides* Vog., *V. nana* Vog., *V. graminea* Sm. var. *graminea*. *V. graminea* var. *nigricarpa* Bastos & Miotto, *V. stenophylla* Vog. e *V. montevidensis* Vog., ocorrentes nos estados do RS, SC, PR e MG. São apresentadas descrições e ilustrações das espécies estudadas, além da atualização da sinonímia. É estabelecida uma variedade nova, *V. graminea* var. *nigricarpa*, além da sinonimização de três espécies e de quatro variedades. *V. pampicola* é citada como ocorrência nova para o Brasil. São reestabelecidas as características morfológicas diagnósticas e é elaborada uma chave para identificação das espécies. Além disso, apresentam-se mapas de distribuição e observações sobre habitat, fenologia e importância econômica para todos os táxons.

TÍTULO: Algumas plantas trepadeiras nativas do RS com potencial de uso paisagístico - ênfase na família Bignoniaceae
AUTOR: Paulo Renato Backes
DATA: abril de 1996
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Bruno Edgar Irgang (orientador) - UFRGS
Luís Emygdio de Mello Filho - JBRJ
Luís Rios de Moura Baptista - UFRGS
Atelene Normann Kämpf - UFRGS

RESUMO — São feitos comentários a respeito da destruição das paisagens naturais brasileiras, da cópia de modelos paisagísticos europeus, da mesmice florística das paisagens antrópicas do Brasil e as razões para se estudar e utilizar a flora nativa ornamental do país. Foram levantadas 62 espécies de trepadeiras nativas do RS com potencial de uso paisagístico com as quais foi elaborada tabela com informações resumidas sobre cada táxon. São descritas com detalhes, 17 espécies da família Bignoniaceae com alto potencial de uso paisagístico. Para cada táxon, há nomenclatura atualizada, dispersão geográfica, observações ecológicas, morfologia, fenologia, características paisagísticas e bibliografia recomendável. São feitos, ainda, comentários sobre o uso das plantas trepadeiras em projetos de recuperação ambiental, tendo sido elaborada tabela que relaciona os ambientes passíveis de tratamento paisagístico, as plantas apropriadas para tal e a função a que se destinam.

TÍTULO: A Tribo Mutisieae Cass (Asteraceae) *sensu* Cabrera no Rio Grande do Sul e suas relações biogeográficas
AUTOR: Cláudio Augusto Mondin
DATA: maio de 1996
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Luís Rios de M. Baptista (orientador) - UFRGS
 Jorge Victor Crisci - MLP, AR
 Jorge Luís Waechter - UFRGS
 Maria Luiza Porto - UFRGS

RESUMO — Foram levantadas 48 espécies, 4 subespécies e 2 variedades da tribo Mutisieae no Rio Grande do Sul, Brasil, distribuídas em 12 gêneros e 4 subtribos. São apresentadas descrições dos gêneros e da tribo e chave das subtribos, gêneros, e espécies. Dez regiões fisiográficas do Rio Grande do Sul e 4 estações austro-sul-americanas constituíram 14 unidades amostrais que foram comparadas entre si quanto à presença ou ausência das espécies da tribo Mutisieae, através da aplicação do índice de Jaccard, utilizando-se métodos de classificação e ordenação. Na análise de agrupamentos utilizou-se o critério soma dos quadrados, e na ordenação o método utilizado foi o da análise das coordenadas principais. Obtiveram-se 2 grupos principais sensivelmente coincidentes com unidades biogeográficas reconhecidas por outros autores. Ficou evidente, ainda, a existência de um subgrupo de transição geograficamente intermediário entre os 2 grupos principais. São analisadas as afinidades entre as unidades amostrais baseadas em fatores ambientais. Faz-se uma reavaliação da área ancestral da família Asteraceae baseada nos resultados das análises deste estudo. Propõe-se que a área austro-sul-americana extra-andina situada desde a Patagônia até aproximadamente o paralelo de 30°S, no Rio Grande do Sul, passe a ser a região mais provavelmente vinculada à área ancestral da família Asteraceae.

TÍTULO: Cultura "in vitro" de massas celulares suspensor-embriônicas de *Araucaria angustifolia*: morfogênese celular e poliembriogênese somática
AUTOR: Leandro Vieira Astarita
DATA: maio de 1996
LOCAL: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Alfredo Gui Ferreira (orientador) - UFRGS
 José Antônio Peters - UFPEL
 Gilberto B. Kerbauy - USP
 Maria E. Alves Aquila - UFRGS

RESUMO — Pretendeu-se neste trabalho: a) investigar condições para a indução, multiplicação e

maturação de massas suspensor-embriônicas de *Araucaria angustifolia*; b) determinar padrões de diferenciação celular "in vitro", e a dinâmica de crescimento avaliando parâmetros bioquímicos do meio de cultura. Massas celulares foram induzidas a partir de pró-embriões zigóticos retirados de sementes imaturas, coletadas entre dezembro e março. Os explantes foram inoculados em meio LP, suplementado com 2,4-D ou NAA; BAP e Kin; e caseína hidrolisada. Altas taxas de indução foram obtidas com 10mg/l de 2,4-D; 500 mg/l de caseína, independentemente da época de coleta. A multiplicação das massas foi realizada em meio semi-sólido e em suspensões celulares, com 1,5 mg/l de 2,4-D e 0,5mg/l de BAP e Kin. A organização celular formando pró-embriões somáticos foi obtida retirando-se os reguladores de crescimento e suplementando o meio com 1% de PEG e ABA (2 e 5 mg/l). Em suspensão as culturas cresceram 3,5 vezes (v/v), com tempo de duplicação de 1,6 dias. As fases "lag" e linear foram de 6 e 14 dias respectivamente, sendo a frutose o principal açúcar responsável pelo crescimento. As culturas foram constituídas por dois padrões celulares: células embriônicas e de suspensor. Os padrões de diferenciação indicaram que o 1º tipo celular originou estruturas amorfas e embriões somáticos. Contudo, estes embriões não progrediram para plântulas.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

TÍTULO: Árvores e arvoretas nativas das restingas do Rio de Janeiro. Potenciais paisagísticos e possibilidades de uso
AUTOR: Carlos Valentim Mendes
DATA: novembro de 1995
LOCAL: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Luiz de Emygdio de M. Filho (orientador) - UFRJ
 Ariane Luna Peixoto - UFRRJ
 Lúcia Maria S. A. Costa - UFRJ
 Jorge Fontella Pereira - JBRJ
 Jorge Pedro P. Carauta - FEEMA

RESUMO — A Restinga pode ser considerada como um parque natural à beira-mar, que guarda tesouros em espécies vegetais, desconhecidos da maioria das pessoas. Além de ser um ecossistema complexo e apesar dos trabalhos de diferentes cientistas sobre sua gênese, estrutura e composição, encontra-se, principalmente no Rio de Janeiro, sob forte ameaça de destruição, quer seja como consequência da expansão dos limites urbanos ou simplesmente em virtude das pressões provocadas pela especulação imobiliária. O presente trabalho selecionou um elenco de 20 espécies de árvores ou arvoretas nativas de uma faixa remanescente das restingas fluminenses, com o objetivo principal de avaliar seus potenciais ornamentais e possíveis aplicações no Paisagismo de cidades litorâneas. Aspectos relacionados à biologia das espécies, aos seus usos econômicos e outros são também abordados.

TÍTULO: Taxonomia das espécies brasileiras de *Aechmea* Ruiz & Pav., subgênero *Pothuava* (Baker) Baker - BROMELIACEAE
AUTOR: Tânia Wendt
DATA: fevereiro de 1994
LOCAL: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
NÍVEL: Mestrado
BANCA EXAMINADORA: Ariane Luna Peixoto (orientadora) - UFRRJ
 Emygdio de Mello Filho - UFRJ